

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v19i37.23869>

## DESCOMEMORANDO A DITADURA: RESENHA DO LIVRO "O GOLPE DE 1964: HERANÇAS E REFLEXÕES"

**Emanuelle dos Santos Silva**

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: [emanuellesilva.aju@gmail.com](mailto:emanuellesilva.aju@gmail.com)

 <https://orcid.org/0009-0008-2828-3037>

Resenha do livro **o golpe de 1964: heranças e reflexões**. (Org) Rafaella Bettamio, Fundação Biblioteca Nacional, 2024.



Em função dos debates suscitados pelos 60 anos do golpe de 1964, a Fundação Biblioteca Nacional convida para o **lançamento da coletânea**, organizada por Rafaella Bettamio (FBN)

### O golpe de 1964 ... heranças e reflexões ...

22 de agosto de 2024, das 10h30 às 16h

Auditério Machado de Assis  
Rua México, s/nº – Centro  
Rio de Janeiro

Transmissão ao vivo pelo canal da FBN 

**10h30**  
**Boas-vindas**  
Marco Lucchesi (Presidente da FBN)  
Naira Christofolotti (Coordenadora do CPE-FBN)  
Rafaella Bettamio (Organizadora/CPE-FBN)

**11h às 12h30**  
**Conversa com os autores (1ª sessão)**  
Daniel Araújo (UFF)  
Bruno Brasil (Unirio/FBN)  
Norberto Ferreras (UFF)  
Flamarion Maués (FSP)

**14h30 às 16h**  
**Conversa com os autores (2ª sessão)**  
Luiz Costa Lima (PUC-Rio)  
Rafaella Bettamio (FBN)  
Pedro Lapera (FBN)  
Dulce Pandolfi (UFRJ)

O livro "O golpe de 1964: heranças e reflexões", organizado por Rafaella Bettamio e publicado pela Fundação Biblioteca Nacional em 2024, é uma coletânea de estudos que emergem do seminário *Golpe de 1964, 50 anos: Debates na Biblioteca Nacional*, realizado em março de 2014. A obra se propõe a aprofundar as reflexões sobre o golpe civil-militar de 1964 e suas duradouras repercussões na sociedade brasileira, visando iluminar aspectos significativos desse passado controverso e fomentar novas pesquisas que contribuam para a interpretação e a atuação no presente.

Rafaella Bettamio é pós-doutora pelo Departamento de Arquivo e Documentação e pelo Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz. Além disso, possui doutorado e mestrado em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/FGV e especialização em História do Brasil Pós-30 pela UFF, sendo historiadora graduada e licenciada pela Unirio. Além de sua formação acadêmica, sua atuação profissional é igualmente relevante: desde 2006, é servidora pública federal e pesquisadora na Coordenação de Pesquisa do Centro de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – instituição promotora do seminário que deu voz aos estudos posteriormente publicados no livro em análise.

Desde 2019, Bettamio também coordena o Acervo de História Oral da FBN (AHO-FBN). A ênfase na história oral é importante, pois a memória e os testemunhos pessoais, como os apresentados no artigo de Dulce Pandolfi (presente na coletânea), são componentes essenciais para a compreensão do impacto humano e social da ditadura. Seus trabalhos anteriores, como as obras *História de uma coleção invisível* (2021) e *O DOI-CODI carioca: memória e cotidiano* (2014), além de artigos e capítulos de livros, demonstram sua profunda imersão no estudo da ditadura militar e suas ramificações, especialmente no que tange à repressão e à memória.

A introdução, escrita pela organizadora, contextualiza a obra no cenário de intensos debates e disputas de memória em torno da ditadura, destacando o papel da Biblioteca Nacional na disponibilização de fontes e no estímulo a pesquisas sobre o tema. Bettamio enfatiza a importância de revisitar esse passado para identificar e superar os *entulhos autoritários* que ainda persistem na sociedade brasileira. Ela ressalta que, dez anos após o seminário que deu origem aos artigos, em 2024, na *descomemoração* dos 60 anos do golpe, as sombras da ditadura permanecem vívidas, evidenciadas por eventos como a tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023. Essa contextualização inicial estabelece o tom crítico e a relevância contemporânea da coletânea.

O livro é estruturado em seções temáticas que abordam diferentes facetas do período ditatorial. A primeira delas, *O passado do presente*, corresponde ao artigo de Dulce Chaves Pandolfi, baseado na conferência de abertura do seminário. Pandolfi, em seu duplo papel de historiadora e ex-prisioneira política, analisa como o Brasil e ela própria lidam com as marcas da ditadura, centralizando sua fala nos aspectos da tortura e da anistia. Seu texto é um mergulho na complexidade da relação entre memória, história, presente e futuro, questionando a diferença

entre perdão e esquecimento e o porquê de o Brasil, diferente de outros países latino-americanos, não ter julgado criminalmente seus torturadores. Em suas palavras: "O passado do presente. Lidar com o que vivemos para que ele não nos aprisione. Lidar com as marcas que ele nos deixa. Lidar com o que ele significa, aqui e agora, para que o futuro não reproduza as misérias do passado." A autora utiliza exemplos chocantes, como o depoimento do coronel Paulo Malhões e o caso de Claudia Silva Ferreira – que receberam um tratamento que *nem cachorro merece* -, para ilustrar a permanência de práticas violentas e a naturalização da crueldade na sociedade brasileira, conectando o passado ditatorial com o presente imperfeito da democracia. A contribuição de Pandolfi é fundamental por humanizar o debate, trazendo a experiência pessoal para a análise acadêmica e demonstrando a urgência de confrontar as heranças autoritárias.

A seção *A imprensa alternativa na ditadura militar* explora a resistência e as estratégias de comunicação em um ambiente de repressão. Bruno Brasil, no artigo *Resistência no papel: um panorama da imprensa de oposição à ditadura civil-militar no Brasil*, oferece um quadro analítico abrangente da imprensa de resistência, definindo-a como órgãos de informação não vinculados às grandes empresas de mídia, frequentemente alinhados a movimentos de esquerda ou ideologias libertárias. Hugo Bellucco, em *O circuito da imprensa alternativa na década de 1970: jornalismo, cultura e política*, complementa essa análise ao focar na experiência da imprensa alternativa após o Ato Institucional nº 5, destacando a distinção entre as fases anterior e posterior a 1968, um divisor de águas para esse tipo de jornalismo. Ambos os artigos são valiosos para compreender as táticas de contestação cultural e política, e o papel crucial da imprensa *nanica* ou *marginal* na difusão de ideias e na construção de narrativas contra-hegemônicas durante o regime.

*As relações entre os Estados Unidos e as ditaduras militares no Cone Sul* é a próxima seção. Norberto Ferreras, no texto *Encontros e desencontros com a história do continente: Estados Unidos, Brasil e América Latina no Golpe de 1964*, apresenta um panorama das relações entre os Estados Unidos, a América Latina e o Brasil desde o século XIX até o pós-1964. Sua análise considera a historicidade do período e as particularidades regionais, desafiando a hipótese de uma intervenção direta dos EUA para depor João Goulart sem resistência, ao revelar práticas e protocolos de comportamento internos ao hemisfério iniciados ainda no século XIX. O artigo seguinte, de Rafaella Bettamio, *Entre Brasil e Estados Unidos: a primeira etapa da coleção Brazil's Popular Groups: 1966-1986*, aprofunda essa temática ao analisar uma coleção

microfilmada de documentos produzidos por organizações ligadas a grupos populares no Brasil, organizada pelo escritório da Biblioteca do Congresso norte-americano no Rio de Janeiro. A pesquisa de Bettamio busca compreender os reais interesses por trás da organização dessa coleção, considerando o cenário da Guerra Fria e da ditadura civil-militar no Brasil, e revela a preocupação norte-americana em mapear e entender os movimentos sociais brasileiros como parte de sua estratégia hegemônica global. Essa seção ajuda a desmistificar a leitura simplista das relações internacionais ao mostrar a complexidade das interações geopolíticas que influenciaram o golpe.

A seção *A relação da imprensa, da literatura e das artes com a censura* examina o impacto do regime ditatorial na produção cultural. Pedro Lapera, em *Modernidade tropical em conflito: relações étnico-raciais e censura cinematográfica na ditadura militar*, explora a atuação do aparato de censura na classificação de filmes que tratavam de relações étnico-raciais. O autor demonstra a dificuldade do regime em lidar com narrativas que retratassem conflitos e questões relativas à inserção de identidades étnico-raciais, especialmente considerando a adoção da doutrina do lusotropicalismo de Gilberto Freyre pelos governos militares. Flamarion Maués, em *O Golpe de 1964 e a(s) censura(s) aos livros*, distingue dois momentos da atividade censória a livros no Brasil: o período imediato pós-1964, sem um sistema único, e o pós-AI-5, com a centralização da atividade pelo governo federal. Maués amplia o escopo do que é formalmente considerado censura, incluindo o fechamento forçado de editoras, o recolhimento de obras e a autocensura impulsionada pela *cultura do medo*. Essa análise revela a sofisticação da repressão cultural, que ia além da simples proibição, permeando a produção e a circulação de ideias e forçando a adaptação ou silenciamento de artistas e intelectuais.

Finalmente, Luiz Costa Lima e Daniel Aarão Reis Filho encerram a coletânea com uma discussão metodológica sobre a relação entre memória e história na seção *A problemática metodológica dos 50 anos do golpe de 1964*. Luiz Costa Lima, em *O Golpe de 1964 e a vida política no Brasil*, aborda o Golpe de 1964 sob os eixos da cultura e da reflexão, situando-o em um panorama político, ideológico e econômico mais amplo que, em sua análise, remonta à Revolução de 1930. Sua tese central é a necessidade de desconstruir a percepção midiática e simplificada que trata o Golpe como um evento isolado, sem antecedentes ou continuidades. Para ele, o Golpe não pode ser compreendido como um fato pontual, mas como parte de um processo histórico contínuo de autoritarismo e de disputas ideológicas no Brasil. Ele enfatiza a importância de uma *recepção reflexiva* do passado, ou seja, uma compreensão que vá além da

mera cronologia dos fatos, buscando as raízes culturais e as implicações duradouras para as transformações individuais e sociais. A reflexão é apresentada como uma ferramenta vital para identificar e combater os *entulhos autoritários* que persistem na sociedade brasileira.

Daniel Aarão Reis Filho, por sua vez, em *A ditadura faz 50 anos: controvérsias*, apresenta um balanço das questões marcantes para a reflexão acadêmica. Ele aborda o duplo caráter (civil e militar) da ditadura, a necessidade de traçar a gênese do regime, de conhecer melhor as fases da ditadura e a transição democrática, com foco nos órgãos repressivos e nos mecanismos internos, além da relevância de aprofundar os estudos sobre o processo de negociação do fim da ditadura. Reis Filho ressalta que, embora a ditadura tenha sido dirigida e hegemônica pelas Forças Armadas, as lideranças civis – empresários, políticos e eclesiásticos – tiveram participação ativa e decisiva. Ele também aponta a lacuna nas pesquisas sobre a atitude do homem e da mulher comuns frente à ditadura, um canteiro pouco explorado para a compreensão dos fundamentos sociais e históricos do regime.

Ambos os autores contribuem para uma compreensão mais matizada do golpe e da ditadura, enfatizando a continuidade de tradições autoritárias na República brasileira, que, embora não se restrinjam ao período de 1964-1985, foram ampliadas e herdadas daquele regime. A seção sobre as *Heranças da Ditadura* destaca a persistência de cicatrizes como a cultura política nacional-estatista, um Executivo *imperial*, a repressão a movimentos sociais, a naturalização da crueldade, a prática da tortura, a estrutura monopolizada da terra e da mídia, os pilares do modelo econômico e a tutela militar.

Portanto, conclui-se que *O golpe de 1964: heranças e reflexões* é uma obra de grande relevância acadêmica e social. O livro não apenas revisita os eventos de 1964, mas conecta-os com o presente, demonstrando como as heranças da ditadura civil-militar ainda moldam a sociedade e a política brasileiras. A diversidade de perspectivas e a profundidade das análises dos diferentes autores, que abordam temas como a memória e o trauma, a imprensa de resistência, as relações internacionais, a censura cultural e as problemáticas metodológicas da historiografia, enriquecem o debate e convidam o leitor a uma reflexão crítica e contínua. A obra cumpre seu objetivo de incitar o diálogo sobre um passado que, apesar de distante no tempo, se manifesta em *sombras* cada vez mais nítidas no presente. A leitura desta coletânea é, então, bastante relevante para acadêmicos, estudantes e todos aqueles interessados em

compreender a complexidade do período republicano brasileiro e suas implicações para a consolidação da democracia no país.

### Referência

BETTAMIO, Rafaella (org.). **O golpe de 1964: heranças e reflexões**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2024.